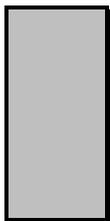


Artigo



VISÕES DO MUNDO EXTERIOR: IMAGENS AFRICANAS E PERCEPÇÕES EUROPÉIAS NAS REVISTAS ILUSTRADAS BRASILEIRAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Rogério Souza Silva*

Resumo

Este artigo pretende discutir a respeito do conjunto de representações existentes nas revistas ilustradas brasileiras do início do século XX, onde elas procuravam criar imagens nas quais a palavra civilização aparecia como sinônimo de *Ocidente*, *modernidade* e *progresso*. Um dos fatores mais relevantes dessa temática é que muitas das noções de civilização aplicadas pelos europeus no mundo colonial de então foram amplamente usadas por uma parte significativa dos letrados brasileiros, para entender as questões próprias do país.

Palavras-chave: Civilização; Ocidente; África; Revistas ilustradas; Imagens.

Abstract

This article intends to make a quarrel on the set of existing representations in the Brazilian illustrated magazines of the beginning of century XX, where they looked for to create images in which the word civilization appeared as synonymous of *Occident*, *modernity* and *progress*. One of the factors most excellent of this thematic one is that many of the slight knowledge of civilization applied by the Europeans in the then colonial world had been widely used for a significant part of the Brazilian scholars, to understand the questions proper of the country.

Keywords: Civilization; Occident; Illustrated magazines; Africa; images.

* Mestre em História e Cultura pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-FHDSS), professor de História da América na Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e na Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Autor de: *Antônio Conselheiro: A fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: Annablume, 2001. (Coleção Estudos Universitários). E-mail: rogerhist@uol.com.br

“Há mil anos, vossos heróicos antepassados submeteram todo o globo terrestre ao domínio do Estado Uno. O vosso feito será ainda mais glorioso: ireis integrar a equação infinita do universo com o auxílio do flamejante, elétrico e vítreo Integral. Ireis submeter todos os seres desconhecidos de outros planetas, que ainda vivem em condições primitivas de liberdade, ao jugo generoso da razão. Se, por ventura, não compreenderem a felicidade matematicamente infalível que lhes oferecemos, será nosso dever força-los a serem felizes.”
(Zamiatin, 1983, p. 17)

“Estreitar as relações intelectuais entre o velho e o novo mundo, n’ esta hora em que toda a humanidade confraterniza no esforço da mesma civilização, é sem duvida uma nova e simpática tentativa”.
(*Ilustração Brasileira*, Paris, agosto de 1901, n. I, ano 1, p. 2)

As duas epígrafes colocadas acima estão ligadas à questão da universalização e da padronização do mundo e do homem. A primeira foi extraída do romance *Nós* escrito por Eugene Zamiatin, um russo que, no início da década de 1920, começou gradualmente a perceber os desvios que a Revolução Bolchevique começava a cometer, especialmente no que dizia respeito ao cerceamento da liberdade. Muitos críticos apontam que a obra de Zamiatin antecipou as temáticas de autores como Aldous Huxley e George Orwell. Já a segunda, pertence à revista *Ilustração Brasileira* em seu primeiro número no ano de 1901. Suas palavras são bastante reveladoras. Elas nos mostram homens ocidentais e homens ocidentalizados extremamente crentes nos valores do que era tido na época como civilização¹ e nos seus corolários: modernidade, progresso científico,

¹ O termo civilização teve interpretações variadas dentro da história do Ocidente. No momento histórico analisado no artigo, muitas vezes confunde-se civilização com o conjunto de valores representados pelas sociedades do mundo ocidental. Porém, ao longo do século XIX e início do XX, à medida que o termo era frequentemente usado, passou-se a refletir mais sobre ele e foi-se aos poucos percebendo suas crises e suas contradições “Deve dizer, sem excessivo paradoxo, que a entrada em cena da palavra *civilização* (em uma época tardia do que chamamos hoje ainda a civilização ocidental), bem longe de ajudar a ordem constitutiva da sociedade civi-

avanço técnico, velocidade e etc. Tais palavras também são reveladoras por mostrar um mundo que ficava cada mais unificado. Extrapolando a já conhecida vocação mundial do capitalismo, a grande capacidade de produção trazida pela chamada Segunda Revolução Industrial foi uma das causadoras dessa ampliação de fronteiras. As características do que foi denominado imperialismo² começavam a se cristalizar naquele momento. As potências do mundo ocidental abocanharam grande parte da África, da Ásia e da Oceania (neste último não restou nenhum estado independente). Afirmavam agir em nome da “elevação” dos povos “atrasados”, mas procuravam, na verdade, novos mercados e expansão territorial, em um contexto de grande rivalidade entre aquelas nações. Todos os elementos analisados, neste pequeno fragmento de texto, demonstram um momento de confiança absoluta no modelo hegemônico propagandeado pelo Ocidente.

As elites brasileiras e os setores médios³ (principalmente nos centros mais dinâmicos), em tal contexto, passaram a ansiar por aquela opu-

lizada, marca o início de sua *crise*” (Starobinski, 2001, p. 53). Ao longo do texto a palavra será analisada do ponto de vista dos protagonistas, ou seja, civilização como intrinsecamente ligada a valorização do mundo ocidental em diversas áreas da vida. É claro que sem esquecer as contradições que o termo carrega. Colaboraria também na discussão da idéia de *civilizar* como uma maneira de moldar comportamentos (Elias, 1990).

² Há uma imensa bibliografia que possibilita o entendimento desses processos. Sem deixar de lado os autores clássicos como: Jonh Hobson, Rosa Luxemburg e Vladimir I. Lênin, outras obras mais recentes são referenciais bastante significativos no presente texto: Hobsbawm (1992) e Ferro (1996). Por último: Mike Davis em *Holocaustos coloniais*. Um livro de grande valor, pois Davis, além de trabalhar com interpretações clássicas sobre o colonialismo do século XIX, acrescenta ao tema uma história ecológica, analisando os desastres climáticos na Índia, na China e na África.

³ Sobre a classe média no período da Primeira República há um artigo escrito por Paulo Sérgio Pinheiro, intitulado: “Classes médias urbanas: Formação, natureza, intervenção na vida política” *In*: Fausto (1978, p. 11).

lência da civilização ocidental. Entenda-se esse anseio como uma sede de idéias e uma vontade de consumo. Curiosamente, os números iniciais da revista *Ilustração Brasileira* foram editados na *rue de la Victoire, 48*, em Paris. Temos diante de nós uma elite que absolutamente voltou-se para o Atlântico Norte.⁴ Ela, literalmente, deu as costas para o universo brasileiro. Vejamos o conteúdo de alguns exemplares de tal revista – que, por sinal, é declaradamente elitista – e surgirão diante de nossos olhos produtos extremamente tentadores: a moda parisiense; os automóveis; os *sports*; os dirigíveis; as bicicletas; as novas idéias.

A propaganda de consumo, em tal contexto, foi favorecida pelo crescimento das revistas e também dos jornais. Esses meios de comunicação eram como os porta-vozes dos valores dos setores médios e das elites brasileiras do final do século das luzes e das primeiras décadas do século XX. Durante a Primeira República perceberemos um grande crescimento de revista (semanais ou mensais) e jornais, em todo país.

Se examinarmos o conteúdo de outras revistas do período, com um número maior de exemplares e uma circulação mais ampla, como *O Malho*⁵ (que circulou de setembro de 1902 a janeiro de 1954), *Fon-Fon* (de abril de 1907 até agosto de 1958) e a *Revista da Semana* (de 1900 a

⁴ É fundamental não perdermos de vista o fato de que a *Ilustração Brasileira* não fora a única semanário brasileiro editada no exterior. Juntamente com isso, não devemos imaginar que esta prática estava apenas relacionada com um extremo afrancesamento. Vemos também fatores de ordem econômica, pois nos primeiros anos da República: “Os controles impostos sobre a circulação de idéias tornaram-se rigorosos e o quadro agudo de inflação também afeta o quadro cultural: basta dizer que, no Rio de Janeiro, registram-se custos de produção tipográfica duas vezes mais altos do que os europeus. Não é de estranhas, portanto, que muitos dos livros de maior sucesso no Brasil, mesmo de autores nacionais, fossem impressos na França e em Portugal no início do século” Camargo (2003, pp. 46-47).

⁵ Monteiro Lobato vê um grau elevado de popularidade em *O Malho*, pois para ele esse semanário: “(...) satisfaz as ingenuidades estéticas do povileu” (Lobato, 1961, p. 21).

1962), notaremos que elas uniam jornalismo político, notícias internacionais, cobertura esportiva, caricaturas, colunas sociais e curiosidades científicas. Pela sua composição elas podem ser classificadas como: revistas de variedades.⁶ Aliada a essas características havia uma gigantesca gama de propagandas. Roupas, sabonetes, automóveis, remédios, cremes dentais etc. Tudo isso aparecia naquelas páginas. Era necessário vender produtos, ao mesmo tempo, vender imagens. Imagens da civilização, da modernidade e do progresso. Eram imagens de impacto. Numa sociedade de incipiente consumo, como no Brasil da época, a imagem se constituiu como algo essencial, por isso as revistas *O Malho*, *Fon-Fon* e a *Revista da Semana* possuíam amplas seções de fotografias. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo eram expostas como centros da civilização brasileira. As três revistas acima citadas tinham suas sedes na capital federal, no entanto, elas faziam questão de serem nacionais. Cidades como: Aracaju, Manaus, Salvador, Belém, Vitória, Porto Alegre, regiões do Mato Grosso e o longínquo Acre também mostravam seus aspectos urbanos e humanos. Os lugares do exterior também apareciam nesses hebdomadários. Além das notícias relacionadas a política, economia, guerras e eventos culturais, tais publicações apresentavam fotos de brasileiros ilustres na Suíça, na França, na Inglaterra, nos EUA, desfilando todo seu deslumbramento e um estilo de vida que consideravam superior. Ou ainda, em fotos onde eles se exibiam em viagens ao mundo exótico controlado pelos europeus. Um ótimo exemplo é a imagem da *Revista da Semana*, mostrada abaixo. Nela, vemos em destaque, três tenentes, acompanhados de três guardas-marinha, em visita ao Egito, durante uma viagem de ins-

⁶ Quanto a isso a revista *Ilustração Brasileira* faz questão de informar a seus leitores o caráter plural de tal publicação: “Todavia, nem só as severas e exigentes curiosidades masculinas satisfaremos; a mulher a criança terão igualmente seu quinhão na partilha de nossa revista; uma ampla seção de modas e *sports* feminis e infantis facultará às senhoras e às crianças graciosos jardins com flores sempre abertas à sucção das borboletas ágeis de seus olhos.” *Ilustração Brasileira*, 1901, p. 02.

trução do navio *Benjamin Constant*. Esses militares registraram a sua passagem no então domínio britânico com fotografias onde aparecem também as belezas urbanas do Cairo. Não fossem as informações trazidas nessa pequena reportagem, poderíamos bem pensar que tais homens eram, na verdade, ingleses com um ar imperial diante da grandeza das pirâmides e da esfinge. A presença dos guias beduínos reforça essa impressão.

Fica evidente uma tentativa de emulação das práticas de suas congêneres do Atlântico Norte. Conseqüentemente, essas revistas tornavam-se uma espécie de *álbum de família*, nas quais estavam confraternizados todos os valores das elites do mundo ocidental e do mundo ocidentalizado. Era necessário estimular essas percepções. Mesmo quando tais publicações optavam por um tom satírico, esse girava dentro do mesmo paradigma ocidentalizante.



Figura 1 - Era dos Impérios: visita de oficiais da marinha brasileira (pertencentes ao navio Benjamin Constant) ao Egito em 1905. *Revista da Semana*, 29 de janeiro de 1905, ano VI, n. 246, p. 16.

Portanto, nota-se que as revistas ilustradas, quando são utilizadas como fontes, constituem-se em grandes tesouros para os historiadores do período, pois além de seus textos elas possuíam uma quantidade fabulosa de imagens: fossem fotografias, caricaturas, desenhos de moda, mapas de cidades, entre outras. São, no seu todo, imagens que nos dão elementos bastante significativos para realizarmos um mapeamento mental do período. Especialmente no que diz respeito à mentalidade das pessoas letradas e com possibilidade de consumir tais publicações. Apesar desses setores da sociedade brasileira da época constituírem-se em uma minoria, diante de parcelas bastante significativas que não tinham acesso a tais informações, eles representam aqueles que podiam desfrutar os muitos aspectos da ascendente modernidade que se desenhava naqueles anos, ditando quais seriam as normas de civilidade mais convenientes aos seus interesses.

Ao pensarmos assim, temos nessa documentação a chance de ultrapassar as convenções de qualquer tipo regionalismo historiográfico chegando, muitas vezes, até a subverter certas barreiras nacionais, pois nessa forma pensar a escrita da história, a aproximação com a semiótica faz-se necessária. Ou seja, tentar compreender as causas e conseqüências da percepção imagética que tais revistas ilustradas provocavam em homens e mulheres que, em diferentes contextos, estavam submetidos a um conjunto de transformações de âmbito global.

Tais publicações existiam porque possuíam um público ansioso em consumir uma pluralidade imagens e de informações. Dentre os diversos tipos de imagens, as fotos podem ter sido as mais impactantes, tendo se constituído em um fator a mais de atração das revistas ilustradas sobre os seus leitores. Estamos visualizando uma época na qual as técnicas da fotografia ainda eram uma novidade.⁷ Especialmente pelo fato delas tra-

⁷ O daguerreótipo, o aparelho primitivo de fotografia, foi inventado pelo pintor e físico francês Dagarre, em 1839. Desde então, essa invenção passou por avanços técnicos, alcançando uma proliferação bastante acentuada entre o final do século XIX e o início do XX (Khoté, 1985, p. 220).

zerem às mãos de seu público leitor aspectos de lugares do Brasil e do mundo distante de muitos deles, ou mesmo a reprodução de pessoas e locais próximos de sua realidade e de seu cotidiano. Quanto a esses fenômenos Susan Sontag afirma que:

“As câmeras começaram a duplicar o mundo no momento em que a paisagem humana passou a experimentar um ritmo vertiginoso de transformação: enquanto uma quantidade incalculável de formas de vida biológicas e sociais é destruída em curto espaço de tempo, um aparelho se torna acessível para registrar aquilo que está desaparecendo.” (Sontag, 2004, p. 26)

Naqueles anos vemos enormes conjuntos de mudanças em vários aspectos da vida. Havia uma aparente aceleração do tempo que saltava aos olhos: cidades que se transformavam, deslocamento de milhões de homens e mulheres rumo a outros continentes, conflitos militares que se intensificavam, o conhecimento de lugares até então inóspitos.

Ao examinarmos o cabeçalho desses hebdomadários podemos observar dados interessantes, como o seu preço, o número de exemplares e as regiões onde circulavam. Se voltarmos às três revistas citadas acima perceberemos que sua circulação não ficava restrita à capital federal, mas chegava a todos os lugares do Brasil. Ou seja, elas possuíam leitores em muitos locais. Quando examinamos publicações ilustradas desse período, que estavam fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, vamos perceber que apesar das diferentes qualidades gráfico-visuais elas seguem o mesmo padrão: propaganda de consumo, reprodução de notícias nacionais e estrangeiras, caricaturas, fotos das pessoas das elites locais, valorização das imagens urbanas e curiosidades científicas. Sejam os exemplares da revista *O Chic*, de Timbaúba,⁸ no interior de Pernambuco, seja a *Belém Nova*, de Belém,⁹

⁸ Foram pesquisados 6 exemplares dessa revista: entre 5 de março de 1918, ano I, n. 1 e 15 de agosto de 1919, ano II, n. 14.

⁹ Foram pesquisados 3 exemplares dessa revista: entre 5 de junho de 1926, ano III, n. 56 e 15 de setembro de 1927, ano V, n. 74.

a *Revista do Brasil*, de Salvador,¹⁰ ou mesmo *A Fita*, da cidade de Santos.¹¹ Sem perder de vista certas peculiaridades regionais, esse mapeamento mental constitui-se na busca das percepções imagéticas e discursivas em torno da idéia de civilização (ou modelo de civilização) desses setores da sociedade brasileira. É como se fôssemos em busca dos fragmentos da *Belle Époque*.

Há, sem dúvida, uma clara influência do modelo de semanários ilustrados editados na Europa, que chegavam aos portos brasileiros desde meados do século XIX. A *Revista Ilustrada*, fundada em 1876 pelo italiano Ângelo Agostini, serve como um bom exemplo, havia nela uma clara inspiração francesa e inglesa no seu formato e conteúdo.¹² No início do século XX vemos um crescimento de publicações em que as fotografias e as caricaturas eram predominantes. Pode-se observar nisso, além do fascínio pela imagem, um traço marcante de queda dos padrões culturais na passagem dos séculos (Sevcenko, 1985, pp. 211-212). Um fenômeno que ocorria na Europa e aqui.¹³ Obviamente, não só na parte gráfica que as

¹⁰ Foram pesquisados 9 exemplares dessa revista: 15 de março de 1908, ano II, n. 12 e 24 de dezembro de 1908, ano III, n. 12.

¹¹ Foram pesquisados 14 exemplares dessa revista: 15 de maio de 1911, ano I, n. 3 e 2 de outubro de 1913, ano III, n. 24.

¹² A *Revista Ilustrada* adquiriu uma grande penetração em vários lugares do Brasil, sendo consumida pelos setores privilegiados da época: “Não havia casa em que não penetrasse a *Revista*, e tanto deliciava as cidades como as fazendas. Quadro típico de cor local era o fazendeiro que chegava cansado da roça, apeava, entregava o cavalo a um negro, entrava, sentava-se na rede, pedia café à mulatinha e abria a revista. Os desenhos acabados, muito ao sabor da sua cultura e gosto, desfilavam ante seus olhos os acontecimentos políticos da quinzena. O rosto do fazendeiro iluminava-se de saudáveis risos. “É um danado este sujeito!” dizia ele de Agostini” (Lobato, 1961, pp. 16-17).

¹³ Sobre isso Walter Benjamin faz a seguinte observação: “E realmente parece se aproximar o dia em haverá mais periódicos ilustrados do que locais para se comercializar aves e animais” (Khote, 1985, p. 237).

revistas ilustradas européias influenciavam as brasileiras. Uma quantidade significativa das notícias internacionais era dada de segunda mão. As principais nações européias e os Estados Unidos eram os grandes produtores de informações jornalísticas da época. Logo, muito do era colocado em jornais ou revistas de vários países, tinha origem nessas fontes. No caso dos europeus, detentores de amplos territórios imperiais, os relatos que chegavam ao Brasil vindos da África, da Ásia ou da Oceania traziam toda a visão européia em relação ao *outro*.

O caso africano é particularmente interessante, pois fazia aproximadamente cinco décadas que o tráfico negreiro havia sido encerrado. Com isso, pondo a termo pelo menos três séculos e meio de constantes contatos entre os portos brasileiros e africanos e um conseqüente conhecimento mútuo nestas duas margens do Atlântico.¹⁴ À medida que esse contato foi desaparecendo, houve um progressivo distanciamento em relação ao Continente Negro, tanto no aspecto econômico, como no político e no cultural. O que preservou esse passado no Brasil foi a própria presença de milhões de descendentes de africanos que significaram a manutenção de valores culturais extremamente relevantes. No entanto, vamos observar nas últimas décadas do século XIX um grandes esforço por parte de setores das elites brasileiras em apagar esses traços africanos que, dentro das teorias racistas da época, significavam um entrave para o desenvolvimento do país.¹⁵

Todos esses fatores são sentidos com grande força nas publicações ilustradas brasileiras. A África que apareceria nelas (em fotos ou em de-

¹⁴ Sobre esse constante contato entre África e Brasil, duas obras são fundamentais: *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul (século XVI e XVII)*, de Luiz Felipe de Alencastro e *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*, de Alberto da Costa e Silva.

¹⁵ “Tais indivíduos queriam por fim ao Brasil antigo, ao Brasil ‘africano’ que ameaçava suas pretensões de Civilização, apesar de se tratar de uma África bem familiar à elite” (Needell, 1993, p. 17).

senhos) representava uma espécie de reflexo do passado que, em uma visão de mundo europerizante, era preciso apagar.

Faz-se importante dizer que diante de títulos de revistas tão variadas, vemos em diferentes assuntos abordagens bastante conflitantes. Contudo, um dos temas que recebe um tratamento bastante similar é o papel da África e dos africanos nesse mundo do nascer do século XX, sendo poucas as referências que destoam de um discurso depreciativo em relação àquela região do mundo e a sua herança nas Américas.¹⁶ É sempre fundamental lembrar que a quase totalidade daquele continente estava sob controle europeu, sendo um dado de grande relevância dentro dos projetos de poder das nações que ditavam as regras políticas, econômicas e os padrões de civilidade do globo. Além, é claro, da produção de um amplo arcabouço de conhecimentos acadêmicos que foi elaborado na Europa com o objetivo de justificar a sua dominação (Said, 1996 e 1999). O Brasil vivia uma dupla face. Ao mesmo tempo em que buscava um espaço no clube restrito das nações civilizadas, procurando padrões europeus, convivia de maneira muito próxima com uma grande herança africana dentro de seu território.

O que é bastante instigante nesta discussão é o fato de que existia uma grande mescla de preocupações voltadas para o progresso da nação; a solução de seus conflitos internos; a procura por modelos; vemos, com grande frequência, um conjunto de representações bastante negativas que eram criadas quando estes escritos faziam referência às camadas da população brasileira que não se enquadravam nos anseios ocidentalizantes. Fossem as populações mais distantes do interior, com um padrão de vida

¹⁶ Obviamente, como em qualquer universo discurso, vamos encontrar opiniões que vão na direção contrária das dominantes. Um bom exemplo encontra-se em um artigo da revista *Kosmos*, de agosto de 1904, escrito por Nina Rodrigues, cujo o título é: “As belas artes nos colonos pretos no Brasil”. Apesar dos vícios de linguagem racistas do autor, ele procura mostrar a importante contribuição das expressões artísticas africanas no Brasil, centrando a sua análise na escultura.

longe da modernidade, ou os habitantes marginalizados dos grandes centros urbanos; independentemente de serem negros, mestiços dos mais variados, índios, ou, às vezes, até mesmo brancos. Os elementos discursivos aplicados nessas discussões eram muito familiares aos que os europeus usavam no mundo colonial. Em uma das edições de *O Malho* há uma estampa que resume bem essas questões. Nela aparecem negros da África do Sul sendo vacinados por militares ingleses, no canto direito da imagem uma mulher demonstra incômodo ao ser vacinada. Diante disso o articulista escreve:

“Os ingleses civilizam os povos africanos lá a seu modo e no Transvaal, como no Natal, a civilização entra a muque, a ferro e fogo quando é preciso. É possível que os naturais digam lá de si e para si que viviam muito bem em suas casas sem necessidade dos benefícios que a civilização inglesa lhes promete, mas a Inglaterra pouco se importa com isso.”

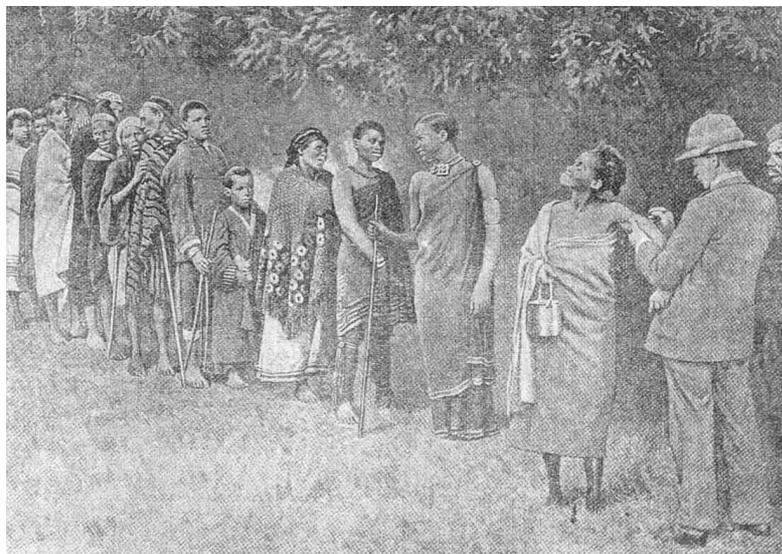


Figura 2 - Civilizar a qualquer custo: Estampa revelando a ação dos ingleses na África do Sul.

*Para tornar imune a população de Natal contra a varíola, que ali apareceu, os ingleses fizeram vacinação em massa, e a nossa estampa dá uma idéia precisa da forma pela qual a medida foi executada. O pessoal formava a um de fundo, no campo aberto, e marchava para a lanceta sob as vistas dos soldados, fazendo mil caretas na hora da operação. O processo é um pouco violento, mas há povos, e nós conhecemos um deles, em que somente o processo inglês pode dar bons resultados (...)*¹⁷

Essa edição de *O Malho* é de 31 de dezembro de 1904. Nada mais revelador sobre as opiniões do articulista, pois fazia pouco mais de um mês que a Revolta da Vacina havia terminado (ocorrida de 12 a 15 de novembro no Rio de Janeiro). São bastante conhecidos os desdobramentos de tais acontecimentos e como eles foram marcantes dentro do projeto civilizador que se consolidava naqueles anos.

Havia, claramente, a intenção de se moldar um discurso no qual as populações marginalizadas dos meios urbanos e das regiões do interior do Brasil exercessem os papéis de bárbaros, arcaicos, selvagens e retrógrados, enquanto tais letrados viam-se como europeus, civilizados, modernos e progressistas.

Como observa Edward Said, o imperialismo, além dos seus efeitos econômicos, políticos e militares, gerou uma cultura que permanece marcante até os dias de hoje e no seu auge atingiu a quase totalidade do planeta (Said, 1999, pp. 38-39.)¹⁸ Por isso, mesmo em países que não

¹⁷ *O Malho*. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1904, ano III, n. 120, p. 7.

¹⁸ Em outra obra do mesmo autor há uma discussão sobre o *orientalismo*, que se constitui em ramos de estudo, em várias áreas de conhecimento que tinham como objetivo teorizar sobre os povos orientais. Na visão de Said os estudos orientalistas desumanizaram os orientais: “O meu argumento afirma que a realidade orientalista é tão desumana como persistente. O seu campo de ação, tanto quanto as suas instituições e sua onipresente influência, chega até o presente” (Said, 1996, p. 54).

eram potências imperiais, como o caso do Brasil, houve uma exaltação pela ação civilizadora do Ocidente nos trópicos. Era a penetração da noção de *fardo do homem branco* que influenciou nas construções discursivas desses brasileiros e que também refletiu na maneira de tratar os problemas sociais do país naqueles anos. Se lermos os discursos em torno de acontecimentos como a Guerra de Canudos (Silva, 2001, p. 111)¹⁹ isso fica evidente. Ou ainda, de maneira marcante, na forma como foram tratadas as populações pobres dentro dos reordenamentos urbanos. Com grande perspicácia, Lima Barreto é um dos poucos que consegue notar esse espírito de época, ao escrever, no início dos anos de 1920, sobre o comportamento da administração da cidade do Rio de Janeiro, ele diz:

“Para mim, sua excelência é um grande prefeito, não há dúvida alguma; mas de uma cidade da Zambézia ou da Cochinchina.

Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra, a indígena.

*Isso se faz ou se fez na Índia, na China, em Java, etc...; em geral, nos países habitados por gente mais ou menos amarela ou negra”.*²⁰

A imagem, a seguir, apresenta fotos de religiosos brasileiros, da congregação do Espírito Santo, em missão catequizadora, na então colônia portuguesa de Angola. São imagens de grande força, apresentadas em

¹⁹ O livro traz discursos onde muitos dos homens que testemunharam os fenômenos de Canudos a comparam com os acontecimentos do mundo colonial. Já em *Holocaustos coloniais*, Mike Davis coloca os movimentos sertanejos brasileiros, com perfil religioso, juntamente com os movimentos de resistências e de caráter religioso ocorridos na China e na África (Davis, 2002, p. 203). Para Jeffrey Needell, essa noção de colonialista interna era muito clara para os setores privilegiados da sociedade brasileira: “Com freqüências a elite percebia o Brasil de forma semelhante aos colonizadores europeus da época, que em outras partes do mundo viam as colônias propriamente ditas como uma área de riquezas potenciais, cuja exploração era dificultada pela presença de raças e culturas inferiores” (Needell, 1993, p. 72).

²⁰ *Careta*. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1921. (apud Barreto, 1961, p. 117).

uma das edições da revista *Fon-Fon* em 1913. As legendas mostram um tom de euforia em torno da missão dos catequistas:

MISSÕES BRASILEIRAS



Figura 3 - Do outro lado do oceano: Religiosos brasileiros em missão catequizadora na África.

“Quanto de sublime e de elevado encobre o heroísmo piedoso dos Missionários a serviço eficaz da catequese dos selvagens! Nesta página inserimos o retrato do padre brasileiro José Severino da Silva, da congregação do Espírito Santo, que acaba de chegar do interior da África, Sertão de Mossamedes, onde o levou a piedosa missão de abrir a luz da Civilização aos olhos dos silvícolas daquela região. As demais fotografias são aspectos interessantes de locais e gentes catequizadas pela evangelização piedosa dos missionários católicos.”²¹

Esses fragmentos de textos, nos mostram como grande parte dos letrados brasileiros do final do século XIX e início do XX viam o mundo exterior. Olhavam a Europa e, posteriormente, os Estados Unidos como referências de civilização. Apesar disso, com um exame cuidadoso nas vastas edições de numerosas publicações semanais ou mensais do período, vamos obter olhares que podemos considerar mais críticos, como por exemplo, ao papel dos Estados Unidos dentro das Américas, como mostra a charge da Figura 4, ou

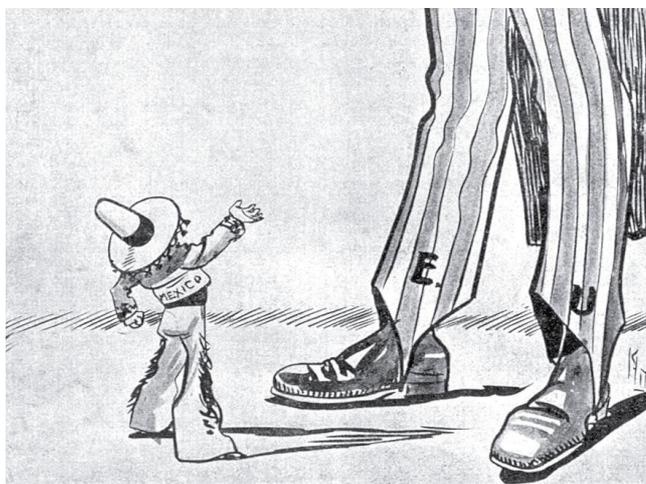


Figura 4 - O anão e o gigante: Caricatura ironiza a relação desigual entre o México e os Estados Unidos. *Fon-Fon!* Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1913, ano VII, n. 49.

²¹ *Fon-Fon!* Rio de Janeiro, 5 de abril de 1913, ano VII, n. 14, p. 16.

ainda, aos equívocos dos europeus durante a Primeira Guerra Mundial. Aliás, quanto a esse episódio, percebe-se que grande parte da imprensa brasileira durante o conflito no continente europeu discursara com enorme ardor em favor dos franceses e, em razão disso, surgiram imagens e discursos em que a Alemanha Imperial era automaticamente identificada com a barbárie (Figura 5).

Contudo, o mundo colonial, especialmente o africano, merecia poucas considerações. Como já foi dito, ao olhá-lo, os discursos elitizados de então viam um traço incômodo de suas próprias raízes internas. Algo que seria necessário ocultar ou, quando isso não fosse possível, dar-lhe uma aparência considerada mais civilizada. Vamos perceber que na construção desse imaginário, a África surge como uma espécie de *retrato de Dorian Gray*. Ou seja, algo que ao ser visto causa horror, espanto e curiosidade.

Nesse amplo leque de publicações, dois artigos da revista *Leitura para todos*, do ano de 1914, são bastante reveladores. Neles, vamos perceber o conjunto de representações da palavra civilização que predominam nos discursos jornalísticos de então. A Etiópia (ou Abissínia, como escrevem vários autores da época) foi objeto de grandes discussões nessa revista mensal carioca. No primeiro artigo²² há a cobertura da morte do imperador etíope Negus Menelick, o título é: *A morte de Menelick: O Negus da Abissínia e seu sucessor: notas pitorescas*.²³ No texto vamos notar qual o significado da África e, mais especificamente, da Etiópia em tal contexto histórico. Aquele país manteve sua autonomia,²⁴ conseguindo

²² Os dois artigos citados nas próximas páginas não estão em ordem cronológica, pois o primeiro foi publicado na edição de abril de 1914 e o segundo na edição do mês anterior.

²³ No artigo não há a identificação do autor.

²⁴ Podem ser colocadas na mesma situação a Libéria, um território cedido a escravos negros norte-americanos e regiões do Marrocos que ainda resistiam a expansão ocidental (Hobsbawm, 1992, p. 89).



Figura 5 - Heroísmo francês, barbárie germânica: Capa da *Revista da Semana* retratando um oficial do exercito francês, segurando a bandeira tricolor e atirando em soldados alemães. *Revista de Semana*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1916, ano XVII, n. 19.

escapar da onda de imperialismo que tomou o continente africano no último quartel do século XIX. Juntamente com isso, os abissínios conseguiram impor uma das poucas derrotas sofridas pelo Ocidente naqueles anos. Em 1896 tropas italianas foram fragorosamente derrotadas pelo exército do imperador Menelick:

“Os primeiros anos de seu reinado tornaram-se inesquecíveis, sabe-se, por sua vitória sobre os italianos, idos a conquista da Etiópia. Menelick comandou, em pessoa, a batalha celebre de Adona, em que se fizeram massacrar os quatro corpos que formavam o exercito italiano. Era que as forças de Menelick se compunham de milhares e milhares de negros: um exercito tal, que caindo sobre o inimigo o esmagou por completo, e antes deste formar para o combate e fazer uso de sua artilharia!”²⁵

Por essa razão, o mundo olhara com curiosidade aqueles episódios ocorridos em um país africano, habitado predominantemente por negros, vencendo militarmente uma nação européia e mantendo a sua independência em plena *era dos impérios*. No texto o articulista apresenta a Etiópia como um lugar de transição entre a civilização e a barbárie ao se referir às atividades comerciais:

*“O comércio está entregue a indivíduos, talvez sem a vocação necessária, a fim de dar-lhe o desenvolvimento preciso. Comércio quase exclusivamente ambulante, faz com que a Abissínia sirva, sobretudo, de intermediaria entre o mundo civilizado e a África Central. Os mercadores viajam da costa até ao Harrar, pelo caminho de ferro; depois continuam sua viagem em caravanas muito numerosas, para poder defender-se com sucesso contra bandidos que infestam todo a região, em grupos avassaladores. Algumas destas caravanas vão até ao centro africano”.*²⁶

²⁵ *Leitura Para Todos*. Rio de Janeiro, abril de 1914, ano IX, n. 98, p. 34.

²⁶ *Idem*, p. 36.

Suas palavras, a todo o momento, demonstravam uma constante dificuldade de enquadrar a Etiópia dentro dos modelos determinados na época. Portanto, os etíopes podem ser colocados apenas como intermediários entre o Ocidente (civilização) e a África Central (barbárie). Contudo, é importante observar, que apesar de ver aquela região como “meio civilizada”, a visão racista em relação àqueles negros fez-se presente. Visão essa, própria da formação brasileira, que partilhava traços com a européia em relação ao mundo africano.

*“Os abissínios são o produto de um melange de diversas raças: Nubios ou Retus (antigos Egípcios), Semitas, Berberes e Peus. Eles têm o rosto oval, o perfil regular, o nariz, muitas vezes, aquilino, grandes olhos cheios de vivacidade, dentes muitos brancos e cabelos crespos. São de estatura média, esbeltos, muito magros, admiravelmente desenvolvidos de músculos, têm a agilidade dos macacos”.*²⁷

Ao fazer referência a aparência física dos etíopes, a passagem citada nos leva à temática do segundo artigo da revista *Leitura Para Todos*. Este, no entanto, irá revelar aspectos mais sutis nas definições de civilização e barbárie no período discutido. O artigo em questão trata da beleza feminina e tem como título: *O mundo feminino: Tipos e atavios da mulher de diversas raças e em vários países*. Esse escrito se preocupa em traçar um mapa da beleza feminina em diversas sociedades. O autor, que se identifica pelas iniciais K.L., busca as particularidades de cada cultura, mas, a todo o momento, impõe a beleza ocidental como o grau de aperfeiçoamento maior da espécie humana:

“Há formosuras impecáveis, quanto à pureza de linhas, perfeição de rosto, brancura de tez, exuberância de cabelos e modelado de busto. Os traços característicos da raça branca culminam nessas belezas

²⁷ *Idem*, p. 35.

*com tamanho poder, que a imaginação de um brahmista as tomaria por aqueles arquétipos concebidos nas mentes do Logos, desde o princípio do mundo, para construir os corpos acabadíssimos da humanidade perfeita”.*²⁸

Ao se referir a um concurso de beleza, ocorrido na Europa, a superioridade ocidental surge mais uma vez: “O concurso celebrou-se em Franzensbad (Áustria) e justíssima é a fama de formosas que desfrutam as austríacas, pelo que atingem em grau de perfeição do tipo da raça branca”.²⁹

Seria injusto afirmar que o autor desse artigo abraça cegamente todo o ideário de um mundo onde o processo civilizador do Ocidente atinge diversas áreas da vida. Nos primeiros parágrafos, há uma preocupação com o excesso de uniformidade daquele mundo de início do século XX:

*“Basta olharmos ligeiramente sobre a superfície do globo para convencermos-nos de que o estado de melhoras sociais, ao qual se combinou chamar de civilização, tão somente subsiste em uma pequena porção dos países habitados, pois a maior parte dos povos não se conforma com a mudança de costumes, trajes, crenças, que continuam usando e abusando... O maior inconveniente da civilização é a uniformidade. É uma conquistadora que, ao invadir um país, derruba e assola, arrasa e quanto lhe parece vetusto e arcaico, sem cuidar, contudo, de edificar sobre as ruínas novas instituições e costumes que satisfaçam, de todo, as necessidades sociais dos povos”.*³⁰

Apesar desse momento de reflexão um pouco mais densa, na maior parte do texto K.L. compactua com a universalização e a padronização do mundo e do homem. Como no artigo primeiramente citado, mais uma vez, a Etiópia surge como um lugar de passagem entre a civilização e a barbárie. Ao observar os traços físicos das mulheres etíopes ele diz:

²⁸ *Leitura Para Todos*. Rio de Janeiro, março de 1914, ano IX, n. 97, p. 69.

²⁹ *Idem*, p. 70.

³⁰ *Idem*, p. 63.

“Típico modelo da casta etíope oferece um retrato que publicamos de uma dama do séqüito da imperatriz Taitu, esposa do Negus da Abissínia. São naturais deste país a aristocracia, como se disséssemos da raça negra, e ainda que conservem desta a cor da pele, tem feições mais corretas, menos sensuais, com traços que denotam mais aptidões para a civilização. Sobejamente conhecidas são as mulheres instauradas pelo imperador da Abissínia, que, zeloso de sua dignidade imperial e do brilho de seu trono, organizou há anos sua corte como aquelas da Europa, deixando ao serviço da imperatriz certo número de damas de honor que cumpriam e faziam cumprir rigorosamente as regras da etiqueta. Em um povo que começa a dar os primeiros passos no caminho da civilização, é natural que predomine o gosto pela aparatosidade, e a afeição pelos adornos decorativos da pessoa, sobretudo nas mulheres, cuja congênita coqueteria respira com os mesmos alentos, seja no ambiente virgem das selvas, seja nos bulevares dos mais populosos centros”.³¹ [Grifos meus]

³¹ *Idem*, pp. 70-71.



Figura 6 - A beleza fora do Ocidente: Uma das mulheres da caste etíope, citada na reportagem. *Leituras Para Todos*, Rio de Janeiro, março de 1914, ano IX, n.º 97, p. 68.

Portanto, a transitoriedade da Etiópia também passava por esse fator. Ou seja, entre outras questões, os traços do rosto mais próximos dos ocidentais, davam aos etíopes ares um pouco mais civilizados. Mais abaixo, completa: “*Afora os lábios grossos e a pele enegrecida, oferecem os demais traços os caracteres próprios da raça branca, podendo-se*

considerar aquela que os possuem como sendo um tipo de transição entre as infinitas modalidades que prendem, em superior unidade, umas raças com as outras".³²

Quando olhamos o mundo do final do século XIX e dos primeiros tempos do XX, vemos um contexto histórico no qual as palavras civilização, Ocidente, modernidade e progresso surgem quase como sinônimos. O anseio por civilização abarcou grande parte das esferas da vida dos homens e mulheres que viveram aqueles anos, em quase todos os lugares do mundo. A civilização, na época, poderia ser representada por um tipo de modelo econômico ou político; ou ainda, por um estilo arquitetônico, por uma indumentária ou, como bem mostra o artigo citado, por um modelo de beleza feminina; ou mesmo por formas de lazer, como os *sports* e o nascente cinema. Tudo isso dava uma face mais ocidentalizada, ou digamos, mais moderna a sociedades que, no caso específico do Brasil e dos países hispano-americanos, conviviam com uma grande herança africana ou indígena, ou com populações camponesas e pobres urbanas, com as quais as elites não estavam dispostas a dividir as benesses do progresso e os setores médios pouco animados de se identificar com esses grupos.

Fontes

Ilustração Brasileira, Paris, agosto de 1901, n.º I ano 1.

Leituras Para Todos, Rio de Janeiro, março de 1914, ano IX, n.º 97.

Leituras Para Todos, Rio de Janeiro, abril de 1914, ano IX, n.º 98.

Fon-Fon, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1913, ano VII, n.º 14.

Kósmos, Rio de Janeiro, agosto de 1904, ano I, n.º 8.

O Malho, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1904, ano III, n.º 120.

³² *Idem*, p. 71.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1905, ano VI, n.º 246. *Revista de Semana*,

Rio de Janeiro, 17 de junho de 1916, ano XVII, n.º 19.

Bibliografia

BARRETO, Lima. *Marginalia: artigos e crônicas*. 2.ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

CAMARGO, Mário de (org.). *Gráfica: arte e indústria no Brasil: 180 anos de história*. 2.ª ed.. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.

COSTA E SILVA, Alberto da. *Um Rio Chamado Atlântico: a África no Brasil eo Brasil na África*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes* vol. 1. Trad. Ruy Jungmann, revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Jorge Zahar, 1990

FAUSTO, Boris. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano – Tomo III – 2.ª vol. – Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro – São Paulo: DIFEL, 1978.

FERRO, Marc. *História das Colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII ao XX*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhias das Letras, 1996.

HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios: 1875 – 1914*. 4.ª ed. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

NEEDELL, Jeffrey. D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Orientalismo: o Oriente como uma invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno, 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensão sociais e criação cultural na República Velha*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Rogério Souza. *Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: Annablume, 2001 (Coleção Estudos Universitários).

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ZAMIATIN, Eugene. *Nós*. Trad. Lia Alverga Wiler. Rio de Janeiro: Ed. Anima, 1983.